



ELEIÇÕES

Doria fala em “golpe” e PSDB marca reunião

Bruno Araújo, presidente da legenda, anuncia encontro da executiva após receber carta do ex-governador paulista. No documento, o pré-candidato denuncia manobras para que ele desista do páreo. Ala dos tucanos rejeita aliança com MDB

» VINICIUS DORIA

Às vésperas da data marcada para a definição do futuro do autodenominado centro democrático, na próxima quarta-feira, a crise interna do PSDB ganhou dimensão pública, ontem, com a decisão do presidente da legenda, deputado Bruno Araújo (PSDB-PE), de convocar uma reunião de emergência da Comissão Executiva Ampliada para terça-feira, em Brasília.

Um dos motivos da convocação, segundo nota divulgada por Araújo, foi uma carta que recebeu ontem, assinada pelo pré-candidato à Presidência João Doria e pelo advogado dele, Arthur Luís Mendonça Rollo, apontando que haveria uma “tentativa de golpe” dentro do partido; que critérios como má colocação nas pesquisas e altos índices de rejeição são “desculpas estapafúrdias”; e reclamando de “movimentações do presidente nacional que criam insegurança jurídica”.

Na carta, à qual o **Correio** teve acesso, Doria queixa-se de que, “apesar de termos vencido legitimamente as prévias, as tentativas de golpe (contra a candidatura) continuaram acontecendo. As desculpas para isso são as mais estapafúrdias, como, por exemplo, a de que estaríamos mal colocados nas pesquisas de opinião pública e com altos índices de rejeição, cinco meses antes do pleito”.

Nas sete páginas do documento, há longas transcrições de leis e jurisprudência para atestar a legitimidade da pré-candidatura de Doria, avaliada pelas prévias, indicando que o ex-governador tem armas para judicializar qualquer medida da Executiva que tente retirá-lo da disputa.

Candidatura própria

A carta de Doria e a reação de Araújo refletiram o rápido aumento

Pablo Jacob / Divulgação



Araújo e Doria: vencedor das prévias do PSDB, ex-governador paulista enfrenta resistências

da temperatura no ninho tucano, entre a noite de sexta-feira e ontem, decorrente de uma mudança significativa de postura de duas lideranças fortes da legenda. O senador Tasso Jereissati (CE) e o deputado federal Aécio Neves (MG), vozes mais influentes da oposição ao pré-candidato João Doria, declararam que o PSDB pode seguir com candidatura própria, sem se aliar ao MDB da senadora Simone Tebet (MS), na corrida eleitoral.

Na noite de sexta-feira, Jereissati, em entrevista ao jornalista Mario Sérgio Conti, da *GloboNews*, reconheceu que a divisão interna põe em risco a própria sobrevivência do partido e que a pré-candidatura de Doria tem a legitimidade das prévias às quais

ele se submeteu, em uma disputa com o ex-governador gaúcho Eduardo Leite. Para ele, Doria não pode ser o candidato ideal, mas não pode ficar isolado na legenda.

Na mesma linha, Aécio Neves declarou que seria “ruim para o partido” retirar a candidatura de Doria apenas para apoiar Simone Tebet, em entrevista à *Folha de S. Paulo*. E foi além, ao prestar solidariedade ao pré-candidato tucano, que estaria sendo vítima de “traição”. “Eu quero deixar clara a minha solidariedade ao Doria”, que está, segundo ele, “conhecendo a face triste da política, que é a traição dos seus próprios companheiros”.

A crise reforça a expectativa de que a reunião de quarta-feira

entre PSDB, MDB e Cidadania não chegue a um resultado prático. Segundo um deputado tucano da ala histórica, o que está movendo o partido, agora, “é o instinto de sobrevivência”.

Os presidentes das legendas que tentam construir uma candidatura de centro como alternativa à polarização Lula x Bolsonaro acordaram avaliar o desempenho de Tebet e Doria em pesquisas quantitativas e qualitativas, cujos dados estão sendo colhidos neste fim de semana pelo Instituto Guimarães de Pesquisa e Planejamento.

O coordenador da campanha de Doria, Marco Vinholi, está otimista. “Seguimos animados. Os resultados da pesquisa Ipspe (divulgada na sexta-feira) colocam



Apesar de termos vencido legitimamente as prévias, as tentativas de golpe continuaram acontecendo. As desculpas para isso são as mais estapafúrdias”

João Doria, em carta entregue ao presidente nacional do PSDB

João Doria numa situação dentre os candidatos da 3ª via como favorito. E o resultado das prévias partidárias garantem a ele presença na disputa pela Presidência da República. Seguimos trabalhando e conscientes que grande parcela da população brasileira não quer votar nem em Bolsonaro nem em Lula. E enxergará Doria como a opção viável para retomar o desenvolvimento do nosso país”, disse.

O fator FHC

A expectativa, agora, no ninho tucano, é com relação à postura do tucano mais influente, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. A legenda foi abalada pela decisão de outro tucano histórico, o

A pirotecnia de Bolsonaro contra a inflação

» INGRID SOARES

Em ascensão nas pesquisas, mas fustigado pela inflação, o presidente Jair Bolsonaro (PL) tem feito muito barulho para mostrar ao eleitorado que está empenhado contra a carestia. Na semana passada, o chefe de governo demitiu o ministro Bento Albuquerque na tentativa de se descolar da impopularidade que o cenário econômico pode lhe render. E ainda tentou provocar debate paralelo — a privatização da Petrobras — para contornar o desgaste provocado pelos reajustes sucessivos na bomba de combustível. Apesar desses movimentos, especialistas ouvidos pelo **Correio** avaliam que o presidente não terá como fugir da pressão frente ao tema.

A demissão de Albuquerque foi a terceira mudança promovida por Bolsonaro para conter o preço dos combustíveis. Em 2021, o presidente demitiu Roberto Castello Branco, em razão da política de preços da estatal. Escalou o general Joaquim Silva e Luna, que também foi substituído, em março deste ano, pelo mesmo motivo. O atual comandante da Petrobras é José Mauro Ferreira Coelho.

Na quinta-feira, durante uma live, Bolsonaro sinalizou que

pode fazer novas “mudanças de pessoas” na Petrobras. “A gente espera fazer mudanças de pessoas, que a gente possa fazer, que a gente possa buscar minorar, diminuir o preço do combustível no Brasil”, emendou.

A culpa é dos outros

O senador Humberto Costa (PT-PE) considera que o presidente prossegue a tática adotada desde o começo do governo: transferir responsabilidades. “O presidente está sempre atribuindo a culpa pelos problemas do país a outra pessoa. Como Bolsonaro não tem coragem nem disposição de modificar a política de preços de combustíveis e derivados no Brasil, tenta justificar e acusar a Petrobras ou o mau desempenho de um ministério qualquer porque é assim que ele tenta tirar fugir das consequências”, critica o senador.

Já o deputado federal Capitão Augusto (PL-SP), vice-líder do partido na Câmara, avalia que as ações de Bolsonaro visam a melhoria de vida da população. “O presidente está fazendo de tudo para tentar reduzir o preço dos combustíveis. O novo ministro (Adolfo Sachsida) veio com essa proposta de privatização da Petrobras, à qual sou plenamente favorável. Não adianta

ter uma estatal que não colabora com o Brasil”, defende.

Assim como Bolsonaro, a deputada federal Carla Zambelli (PL-SP) responsabiliza as medidas de restrição adotadas durante a pandemia de covid-19 como um dos fatores do aumento da inflação. “Todos esqueceram que o governo alertou que o ‘fique em casa’ causaria o cenário de pressão inflacionária que vivemos. Seria pior e teríamos um número de desempregados semelhante ao deixado pelo PT, em 2015 — depois da pandemia de corrupção —, se não fosse o trabalho do governo Bolsonaro de socorrer a população, os estados e municípios”, alega.

“Esse trabalho exigiu várias ações e diversos ajustes que vieram sendo realizados ao longo da pandemia e agora no ‘pós-pandemia’. A mudança no Ministério de Minas e Energia é mais um desses ajustes”, complementa Zambelli.

O analista político do portal Inteligência Política, Melillo Dinis, analisa que as mudanças feitas por Bolsonaro são uma cortina de fumaça para esconder o principal problema, a economia. “O presidente segue criando factoides desprovidos de qualquer resultado. As mudanças servem como uma cortina de fumaça para explicar os preços e os ataques à Petrobras. Assim, ele imagina que

seus eleitores vão se consolidar. Não dará certo. A eleição será decidida pela economia e pela reação à pandemia”, observa.

A advogada constitucionalista Vera Chemin, mestre em direito público administrativo pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), aponta que as sucessivas trocas feitas pelo chefe do Executivo, especialmente, no MMA e na Petrobras evidenciam a preocupação de tentar, a qualquer custo, repressar o aumento dos combustíveis.

“Repressar preços de combustíveis é uma política recorrente no Brasil. É uma prática perigosa, pois, apesar de favorecer o consumidor no presente, transporta os custos a médio ou até longo prazo, em que outra geração poderá sofrer as consequências econômicas e sociais”, alerta.

Ainda assim, segundo Chemin, existem outras variáveis que serão relevantes para a garantia de sua reeleição, como o crescimento do PIB, a criação de empregos e a continuidade das políticas sociais, além das estratégias de campanha eleitoral que terão que ser convincentes junto às diversas camadas da população.

Para Arthur Wittenberg, professor de Políticas Públicas do Ibmec, o movimento de Bolsonaro é coerente. “Alguns analistas consideram que a troca foi

Reprodução / TV Brasil



Bolsonaro: três demissões para segurar preço de combustíveis

essencialmente eleitoreira. Mas toda mudança ministerial tem algum componente eleitoral, especialmente em ano de eleições”, afirma. “Além disso, se fosse esse o caso, Bolsonaro poderia ter indicado um político para a posição, para facilitar aprovação de medidas, por exemplo, de controle de preços”, argumenta.

Wittenberg reconhece a

ex-chanceler Aloysio Nunes. Na última sexta-feira, ele anunciou apoio ao pré-candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, ainda no primeiro turno.

FHC, Aloysio Nunes e Tasso Jereissati fazem parte da ala histórica do partido. O ex-presidente ainda mantém uma relação de cordialidade e respeito com Lula e com o pré-candidato a vice, o ex-tucano Geraldo Alckmin, que também integrava a ala mais raiz do tucanato, antes de mudar para o PSB. Nos bastidores, já há quem aposte no apoio à chapa “Lula com Chuchu” no segundo turno, caso se confirme a derrota de Doria nas urnas, prometida pelas pesquisas até agora.

Seria uma reversão de expectativa, depois que o partido fez a virada da centro-esquerda para a centro-direita capitaneada pela ascensão de Doria na política paulista e expressa no apoio informal dele à candidatura de Bolsonaro, em 2018, na onda do “BolsoDoria”.

No MDB, a postura da senadora Simone Tebet permanece a mesma, de não aceitar ser candidata a vice em uma chapa com João Doria. O candidato a parceiro preferido dela ainda é Eduardo Leite. Mas a chance de Leite voltar à disputa interna no PSDB fica cada vez menor, com a mudança de discurso dos principais opositores internos da candidatura oficial no sentido de respeitar a decisão das prévias.

Mas ela também enfrenta dificuldades para unir o partido, por causa da ala ligada aos senadores Renan Calheiros (AL) e Eunício de Oliveira (CE), que pregam abertamente o apoio a Lula já no primeiro turno. O trunfo de Tebet são os apoios que construiu na maioria dos diretórios estaduais do partido, que defendem uma candidatura própria para evitar a debandada emebebista para os palanques de Lula e Bolsonaro.

complexidade do problema energético e dos combustíveis, mas lembra que o impacto é essencialmente econômico. A principal preocupação dos eleitores é com a inflação. “Desse modo, parece plausível colocar Sachsida como ministro de Minas e Energia. Se ele vai ser capaz de melhorar o preço da gasolina, ainda não é possível saber”, conclui.